

início da república; e o segundo, sob a administração de João Batista de Lacerda (1895-1915).

A busca por modernidade e visibilidade da instituição no meio científico pode ser considerada o elo comum entre esses dois períodos. Não se verificou uma posição monolítica da instituição em relação ao darwinismo, mas foi notada sua influência no direcionamento das pesquisas, a despeito de não ter sido aceito integralmente.

O terceiro capítulo, elaborado por Heloisa Domingues & Magali Romero Sá centra-se, como o próprio título indica, nas controvérsias evolucionistas do século XIX, demonstrando a complexidade das opiniões sobre o tema em questão.

O papel das análises craniométricas e os estudos de Lacerda e Rodrigues Peixoto são destacados como fortes argumentações antidarwinistas. As autoras ainda se debruçam sobre outros pesquisadores como o já citado Ladislau Netto, Miranda Azevedo, Sylvio Romero, entre outros, para a indicar a diversidade de opiniões sobre o darwinismo e os diferentes graus de assimilação dessas idéias no discurso de cada pesquisador.

Como pode ser observado ainda no Capítulo 3, as análises craniométricas de materiais brasileiros não foram realizadas apenas em nosso solo. O próprio Imperador Pedro II enviou fósseis a estudiosos como Quatrefages e Virchow para que tecessem suas considerações sobre questões relativas à antiguidade e origem dos primeiros americanos.

No Capítulo 4 temos a oportunidade de apreciar mais de perto as contribuições de um desses pesquisadores, o alemão Rudolf Virchow. Com maestria, Luis de Castro Faria apresenta-nos as investigações desse pesquisador em materiais oriundos de sambaquis de brasileiros, destacando o interesse exercido por tal tema e o importante papel desempenhado por seus colaboradores/coletores na transmissão das informações necessárias às análises. Trava-se contato não apenas com o pensamento do cientista, mas com um modo muito peculiar de fazer ciência, com base em peças selecionadas e relatórios remetidos de locais distantes, num exemplo claro do imperialismo científico citado por Glick, ainda na introdução.

O quinto capítulo, de Thomas Glick, trata da atuação de Tehodosius Dobzhansky no Brasil, sob o patrocínio da Fundação Rockefeller, e o desenvolvimento da genética de populações em nosso país, demonstrando como a feliz combinação de pessoal qualificado, um programa adequado de pesquisas e um ambiente favorável aos estudos (fisicamente falando), pode ser importante para o desenvolvimento de todo um campo de investigação.

A miscigenação e os desdobramentos da questão racial ganham destaque no sexto capítulo, de autoria de Lilia Moritz Schwarcz. Do pessimismo científico às idéias de branqueamento, passando pelas perspectivas elitizantes das escolas de direito e a questão da medicina legal, a autora transita pelos meandros dos discursos raciológicos do início do século XX, deixando claro como idéias evolucionistas foram utilizadas para manter o mito das diferenças raciais.

O último capítulo discute as influências do darwinismo no positivismo brasileiro. Glick, ao centrar seu olhar sobre o grupo catarinense *Idéia Nova* – o qual teria atuado sobre a clara influência de Fritz Müller e posteriormente de Haeckel e Spencer – mos-

tra a amplitude da penetração das idéias darwinistas em diferentes centros intelectuais do país.

Em síntese, os trabalhos aqui apresentados cumprem, com eficiência, a tarefa de apresentar o mosaico complexo da repercussão do darwinismo entre os cientistas e intelectuais brasileiros através de um período de tempo relativamente extenso e marcado por profundas transformações culturais.

Claudia Rodrigues-Carvalho  
Museu Nacional, Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
claudia@mn.ufrj.br

#### **ANÁLISE ESTRATÉGICA EM SAÚDE E GESTÃO PELA ESCUTA. Francisco Javier Uribe Rivera. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 312 pp.**

ISBN: 85-7541-027-X

O livro *Análise Estratégica em Saúde e Gestão pela Escuta*, de autoria de Francisco Javier Uribe Rivera, professor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz é uma abordagem do campo de planejamento e gestão de serviços de saúde. Os capítulos apresentam diversas ferramentas de análise organizacional e de gestão estratégica, ferramentas que visam a ampliar as possibilidades de que os diversos atores participem do processo de gestão e que se obtenha um serviço de saúde de maior qualidade, contribuindo para a construção do SUS.

A compreensão destes temas é construída com profundidade, trata-se de uma leitura estimulante e que solicita toda atenção do leitor. Aqueles leitores, que tenham como objeto de trabalho a gestão de serviços de saúde e que assumem como desafio profissional compreender sua tarefa e seu papel de liderança, que buscam implementar estratégias que contribuam ao pleno desenvolvimento de seu serviço encontram neste livro uma leitura fundamental, quer seja pela qualidade da reflexão teórica apresentada como pelos exemplos de sua aplicação. Podem encontrar ainda analisadas situações críticas experimentadas no cotidiano dos serviços e da gestão, podendo ver consideradas novas alternativas para uma gestão mais eficaz.

Apresenta uma reflexão teórica que integra a abordagem do Agir Comunicativo de Habermas e o Planejamento Estratégico Situacional em saúde, ressaltando em sua análise a perspectiva do planejamento como uma ferramenta que a organização lança mão em seu desenvolvimento para tornar-se uma organização dialógica ou comunicativa, ou seja, que se incorpore um conjunto de práticas que permitam uma gestão por compromissos, um modelo de gestão negociado, de ajustamento mútuo e comunicativo. Este tipo de abordagem está sendo referendada pela Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde (HumanizaSUS), que inclui a gestão participativa como uma das abordagens recomendadas pela política. O modelo analisado por Rivera considera e integra as características peculiares dos serviços de saúde como organizações profissionais.

Apresenta e analisa a experiência francesa de gestão estratégica e de definição do projeto assistencial: a *démarche stratégique*. Este enfoque pretende auxiliar a tarefa gerencial, enfatizando que o serviço de

saúde que deve definir sua missão considerando seu papel numa rede assistencial, possibilitando uma visão da contribuição de cada hospital e de cada serviço nas especialidades que ele tem maior capacidade resolutiva e melhores resultados. Desta forma, a rede de serviços se qualifica e os resultados para a população são ampliados. A descrição do método inclui as diferentes etapas e seus quadros, desta forma torna acessível aos leitores a aplicação deste método e sua comparação com outros que os gestores já estejam empregando. Tal objetivo também é ampliado pela leitura do relato da experiência de aplicação da *dé-marche* no Instituto Phillippe Pinel, que é um hospital psiquiátrico. Esse relato é escrito em parceria com profissionais desse hospital e surge como decorrência do Curso de Especialização em Gestão Hospitalar, um bom exemplo da integração e cooperação entre a academia e o serviço.

As possibilidades de ferramentas para a análise estratégica são ampliadas pela leitura do Capítulo 4, em que o autor nos apresenta o enfoque de cenários. Essa análise auxilia a organização a construir “*um olhar sobre o futuro orientado a esclarecer, iluminar a ação presente*” e, portanto, perceber as condições e pressupostos em que se situa o plano, auxiliando a escolher as melhores estratégias. A exposição do método se faz de forma precisa com a apresentação das matrizes. Após esta análise, a compreensão do mesmo é enriquecida pelo relato de uma experiência de aplicação do método para o Programa Saúde da Família. Ressalta ainda como conclusão, que a importância desse método se encontra no aprendizado de trabalhar com a perspectiva da probabilidade, ou seja, pensar de uma forma nova, que possibilita superar as posições rígidas que alguns atores assumem no dia-a-dia dos serviços e no processo de gestão dos mesmos.

Nos três últimos capítulos o autor nos conduz visando a compreensão do papel da liderança no contexto de uma organização profissional, frente às propostas da organização que aprende, do papel da cultura e da comunicação. Aborda a comunicação e a negociação como elementos decisivos de um modelo de gestão para estas organizações.

Se de fato compreendermos, como nos orienta este livro, que existem várias formas de explicar uma mesma realidade, de acordo com a perspectiva específica de cada observador, poderemos alcançar estratégias de construir cada serviço de saúde, a rede de serviços regionalizada e hierarquizada que confirme os princípios do SUS para os cidadãos que no seu contato com os serviços buscam acolhimento às suas necessidades de saúde, mas também para os profissionais que poderão contribuir cada vez mais intensamente na vida institucional, ampliando a possibilidade de um fazer profissional que seja integrador da técnica e arte de cada um e de todos os profissionais de saúde. A proposta de gestão do sistema de saúde no atual governo e especificamente a proposta da HumanizaSUS, estimula a todos os gestores a compreender seu papel, assumir suas responsabilidades, com competência e assim a aplicação dos ensinamentos contidos neste livro pode ser de grande valia nesta jornada.

Cynthia Magluta  
Instituto Fernandes Figueira,  
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

**AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: CHOQUE DE POVO.** Maria de Fátima Sousa. São Paulo: Editora Hucitec, 2003. 162 pp.

ISBN: 85-271-0578-0

Para todos nós que trabalhamos no Brasil com a saúde das populações e de grupos sociais, este livro de Maria de Fátima Sousa constitui tríplice celebração, erigida que é a partir de perspectiva profissional, histórica e política. De fato, propondo-se a narrar e avaliar a pioneira experiência do Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS), a autora o faz de maneira exemplar, recuperando-lhes as bases oriundas de diferentes contextos.

No primeiro sentido, é construída verdadeira elegia, fulcrada no concreto da vida, a distinguir os protagonistas conformadores da identidade do programa e do livro, i.e., os agentes comunitários de saúde. Trata-se do conjunto de registros que compõem o prefácio e a apresentação, onde o entusiasmo pela participação e o respeito pela construção caracterizam o tratamento conferido a este componente da evolução recente da organização dos serviços de saúde em nosso país.

Nessa direção, pela adoção de linguagem vibrante e mobilizadora, desfilam diante do leitor as sucessivas trajetórias setoriais que eclodiram na 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986. Esta, segundo a abordagem relatada, se caracterizou por três avanços que a tornaram paradigmática, a saber: (i) extravasou os limites da saúde, enquanto bem pessoal e política pública, trazendo para o diálogo no seu âmbito “*moradores, sindicalistas, partidos políticos, associações de profissionais, estudantes, parlamentares e outros*”; (ii) desdobrou-se em “*novas conferências por temas específicos (saúde da mulher, criança, índio, trabalhador, consumidor, saúde bucal, mental, entre outros), possibilitando a consolidação de projeto consensual da reforma sanitária*”; (iii) levou à inserção, nos quadros administrativos da Nova República que se instalava, de técnicos oriundos desse movimento, com missão central de descentralizar as ações de saúde para estados e municípios.

Com o refluxo que se segue durante as estripulias do Governo Collor, o PACS se torna a estratégia viável de “*mobilização e renovação das forças sociais para o exercício da conquista do espaço operativo dos sistemas locais de saúde*”. Eis aí a dimensão política inicialmente pontuada, presente não só na narrativa considerada, mas na realidade tratada.

O corpo do texto é constituído por três grandes capítulos. O primeiro enfoca o surgimento, no início da década de 90, dos agentes comunitários de saúde enquanto iniciativa institucional organizada. Se Jaime Breilh situa a epidemiologia entre fogos, no contemplar os interesses, pressões e características da corrente chamada clínica diante dos avanços da “outra”, a reconhecida como social, aqui a linha de tiro esteve, no começo do processo, entre as resistências da Pastoral da Saúde e as do Conselho Regional de Enfermagem. Com efeito, ao visualizar a expansão do programa do Ceará para expressão e práticas inicialmente para o Nordeste e posteriormente para o país, foram essas duas forças que se antepuseram vigorosamente ao nascedouro dos agentes comunitários de saúde, identificados como trabalhadores legitimamente integrantes da equipe de saúde: o segmento